

A Dimensão Pessoal do Ensinar

Como é que o professor se compreende a si próprio ? Esta é uma questão que abrange as atitudes de um professor face a si próprio, face aos alunos e face à matéria.

Obviamente que o professor exerce uma influência enorme na sala de aula – é ele que faz as regras, organiza a matéria e define os calendários. Essa influência é positiva ou negativa? Torna-se importante analisar as atitudes e percepções do professor para responder às perguntas.

Antes pensava-se que os professores deveriam ser moralmente perfeitos (ou pelo menos transparece-lo). Obviamente que tal feito é impossível na prática, pois os professores são humanos. A imposição deste mito pode levar os professores a sentirem-se frustrados por não corresponderem às expectativas. Isto pode levar à adopção de atitudes eventualmente prejudiciais ao ensino para justificarem o falhanço.

Frequentemente não tomamos consciência das nossas atitudes nem do modo como estas e as expectativas que criamos influenciam o nosso comportamento. Por isso, somos capazes de dizer uma coisa e fazer outra. Esta discrepância designa-se por currículo oculto. As nossas atitudes enquanto professores determinam ou influenciam as atitudes que os alunos desenvolvem relativamente à aprendizagem. Os alunos são suficientemente perspicazes para nos “verem” e moldarem assim comportamentos perante as suas interpretações das nossas atitudes.

Tal como MacLuhan o autor atribui grande importância ao modo como a mensagem é transmitida na descodificação do significado desta. Contudo não vai ao ponto de dizer que “o meio é a mensagem”, desprezando o seu conteúdo. Acrescenta que a verdadeira mensagem encontra-se no tom de voz, na expressão facial, na postura, ou seja, no modo como é transmitida.

Há três categorias das atitudes dos professores que importa analisar:

▪ Atitudes face ao ensino e à aprendizagem

O modo como os professores entendem o ensino e a aprendizagem é muito importante. Existem muitas questões acerca do ensino e da aprendizagem e são as respostas a estas questões que vão influenciar as nossas atitudes e comportamento nas aulas. Uma das perspectivas é a do professor ser o centro da aula, é ele quem decide se as respostas dos alunos estão certas ou erradas num jogo de perguntas e respostas entre alunos e professor. O professor é a fonte de todo o conhecimento (para o aluno). Essa perspectiva pode provocar nos alunos um enviesamento relativamente à verdade. Paralelamente, esta pode ser uma tentação irresistível para o professor, transformando, por vezes, a autoridade devida do mesmo em autoritarismo.

David Hunt através das suas investigações especificou o modo como os alunos em níveis de desenvolvimento conceptual baixo preferem conceitos concretos a conceitos abstractos, alta estruturação em vez de baixa, e avaliações e recompensas concretas e imediatas em vez de diferidas e intrínsecas. David Hunt aplicou o seu método aos professores e concluiu que estes tal como os alunos têm sistemas conceptuais diferentes relativamente ao ensino e à aprendizagem.

Assim, professores com níveis conceptuais diferentes têm também um comportamento diferente na sala de aula - se é baixo a memorização é o caminho para os alunos; se é alto existe uma tentativa de adequar as estratégias consoante cada aluno específico.

▪ **Atitudes face aos alunos**

Igualmente importantes são as atitudes do professor face aos alunos. As expectativas do professor face aos alunos influenciam consideravelmente o desempenho dos alunos. O primeiro estudo a comprovar esta teoria foi realizado por Rosenthal.

Num estudo patrocinado por este, foi criada a falsa expectativa num grupo de professores de que determinados alunos iriam ter um desenvolvimento mais acelerado. No final estes alunos tiveram um desenvolvimento superior apesar de terem sido escolhidos ao acaso. Ficava então demonstrado o efeito de uma profecia auto-realizada.

Os alunos de quem não se esperava um bom desempenho tendiam a sair-se menos bem do que os primeiros. Mesmo os alunos que se saíram bem, contrariando as expectativas eram vistos negativamente pelo professor.

Para fortalecer a sua investigação, Rosenthal desenvolveu muitos outros estudos semelhantes como resposta às críticas de que foi alvo. No entanto, outros estudos vieram acrescentar que tal influência nos alunos não é intencional por parte do professor. Não é que ele queira intencionalmente que as suas expectativas fossem cumpridas. O professor não consegue esconder os seus sentimentos verdadeiros (o tal currículo oculto) uma vez que as crianças captam através da linguagem corporal (postura, tom de voz, etc) as verdadeiras expectativas do professor.

As expectativas do professor podem ser afectadas por vários motivos.

Quando a classe social dos alunos é mais baixa ou a origem étnica é diferente da do professor, existe a possibilidade de este esperar menos, exercer um ensino menos eficaz com essas crianças, sendo estas por vezes ignoradas. Este comportamento tende a agravar-se conforme os alunos vão aumentando o seu grau de escolarização, o que leva a concluir que por vezes a educação na escola pode ser pior do que a ausência dela: não é que todos os professores sejam racistas. Trata-se apenas de um preconceito muito enraizado na cultura ocidental e que a vivência do dia-a-dia tende a reforçar (o facto das profissões que menos exigências intelectuais têm serem normalmente ocupadas por pessoas provenientes de etnias minoritárias) e se vai eternizando ciclicamente. A tendência para os professores terem expectativas mais baixas dos alunos de minorias étnicas e classes sociais desfavorecidas está largamente estudada e documentada.

Ao nível familiar, o facto de um aluno ser oriundo de uma família monoparental, provoca no professor um baixar das expectativas relativamente a este aluno.

Outra diferença que afecta as expectativas do professor, diz respeito ao temperamento do aluno e à diferença entre os sexos. As crianças com temperamento mais agradável, “simpáticas”, tendem a ser avaliadas pelo professor como tendo melhores capacidades de aprendizagem do que os alunos mais instáveis e mais lentos na adaptação, fazendo com que o professor involuntariamente tenha menos contacto visual e um certo desinteresse pelos alunos mais difíceis de ensinar. Quanto ao sexo, os rapazes são incentivados pelos professores a aumentarem a sua auto-afirmação, a independência e a resolução autónoma de problemas, enquanto que as raparigas recebem uma mensagem diferente, pois o professor espera delas menos actividade e mais docilidade na aprendizagem.

Todos estes factores que influenciam as expectativas dos professores estão documentados em estudos e foram “medidos” através da observação das atitudes dos professores, nomeadamente através do contacto visual, a quantidade e qualidade dos

elogios e/ou das críticas, a interação na sala de aula, a atitude perante uma questão (mais/menos tempo de espera pela resposta, mais/menos pistas) e a exigência das tarefas colocadas.

A própria percepção que o professor tem do rendimento dos alunos afecta o seu próprio comportamento. Tentou-se descobrir qual é a amplitude do fenómeno descrito acima, e, embora não seja uma estimativa muito fiável, o seu valor é alarmante.

Convém então realçar a importância fundamental de o professor estar consciente desta realidade e de tentar fugir à discriminação para que possa proporcionar melhores oportunidades de aprendizagens.

▪ **Atitudes face a si próprio**

A maneira como os professores se vêem e se sentem em relação a si próprios determina fortemente o clima na sala de aula, bem como o desempenho dos alunos. A auto-confiança, o equilíbrio e o auto-controlo estabelecem uma atmosfera de cooperação e aprendizagem na sala de aula. Do mesmo modo que um professor hiper-ansioso, trémulo e inseguro, tende a estabelecer o clima oposto.

Frances Fuller (investigadora da Universidade do Texas) descobriu que quase todos os professores estagiários e principiantes atravessam uma mesma sequência de fases de crescimento pessoal. Fuller elaborou um quadro descritivo das diversas fases. As fases podem ser agrupadas em três categorias gerais: preocupações centradas em si próprio, no controlo e organização e no impacto. No primeiro grupo, os professores preocupam-se com a opinião que os alunos têm acerca deles. Na fase do controlo e organização, o professor principiante está centrado sobre o comportamento e as estratégias de ensino, tendo grandes dúvidas se os métodos que utiliza são adequados ou não. A categoria impacto inclui as fases denominadas consequência, colaboração e reorientação, numa altura em que o professor já se sente num meio controlado, capaz de dar mais atenção aos alunos, desfeitas que estão as preocupações iniciais. Aprende a “ler” os alunos e a reflectir sobre a melhor maneira de chegar a eles. O que Fuller descobriu foi que os professores estagiários raramente se desprendem das primeiras fases, muita provavelmente pela falta de apoio profissional e supervisão adequada.

Quanto aos valores, a questão é complexa. Deverá o professor considerar os alunos “tábuas rasas” prontas para a doutrinação e incutir-lhes a sua forma de ver o mundo, ou deverá este abstrair-se de se pronunciar e apresentar todos os fenómenos de uma maneira imparcial? Ambas as atitudes são demasiado extremistas. Talvez a solução seja considerar as crianças como tendo um potencial de desenvolvimento, e proporcionar o ambiente adequado de forma a estimular esse processo natural.

Para a democracia funcionar, é essencial uma educação eficaz. Esse poderá ser outro papel do professor: o de ensinar os alunos a pensar acerca de princípios democráticos, nomeadamente os valores da liberdade, igualdade e fraternidade de forma a combater o preconceito, a ignorância, inimigos da democracia.

Bibliografia

Sprinthall, N.A.; Sprinthall, R.C. (1993) *Psicologia Educacional*. Lisboa McGrawHill

A Dimensão Pessoal do Ensinar

Uma perspectiva de Luís Aguilar

O excerto do livro de Sprinthall abordado por nós nas aulas tenta dar uma ideia do papel do professor como indivíduo, abordando a forma como este se compreende a si próprio.

Pessoalmente, considereei mais importante os parágrafos que se referem às atitudes do professor face aos alunos. Não que despreze os restantes tópicos, mas porque estes não serão tão novidade assim, como o foi o tópico mencionado. Por exemplo, apesar de nunca ter ouvido falar do currículo oculto, já fazia parte do meu senso comum o conceito de as pessoas serem capazes de dizer uma coisa e de fazer outra. Talvez a leitura e análise do texto me tenha alertado mais para a importância de ter isso presente. Relativamente às atitudes face ao ensino e à aprendizagem, e focando-me sobre a forma de ministrar o primeiro há muito que rejeito o conhecimento como “uma lista finita de factos que os alunos devem memorizar”. Sendo assim, defendo que o importante será proporcionar aos alunos o desenvolvimento do potencial inato de que todo o ser humano desfruta. Faz-se isso combatendo a ideia de que basta ter uma boa memória para se ter bom rendimento escolar. Por outras palavras o meu (nosso) esforço deverá incidir no desenvolvimento da capacidade de raciocínio (lógico e indutivo), capacidade de resolver novos problemas (e não apenas a aplicação de fórmulas memorizáveis) – capacidade de aprender a aprender (lá dizia o outro que talvez devias ensinar o faminto a pescar em vez de lhe dares o peixe). E, se for caso disso, capacidade de pensar pela própria cabeça, de formar opinião própria acerca do mundo que o rodeia. Isto responde também ao problema dos valores e da imposição ou não dos meus aos alunos levantado pelo autor.

Estas são ideias já minhas, que o texto, no exercício de reflexão que me impôs, me ajudou a relembrar.

O aspecto que realmente mais me impressionou foi mesmo os estudos já realizados que tencionam medir a importância que as atitudes do professor face aos alunos podem na persecução dos objectivos anteriores (ou de quaisquer outros). Registei com surpresa as demonstrações de Rosenthal do efeito da profecia auto-realizada, embora esta nova ciência minha me faça temer que o meu cepticismo eterno do homem – neste caso da criança (cepticismo mais perante a sua vontade em aprender, não tanto das suas capacidades de o fazer) me venha a dificultar o trabalho na minha qualidade de futuro professor.

Quanto às características dos alunos que podem influenciar as expectativas do professor comum também já não tinha ilusões acerca do preconceito incrustado nas nossas sociedades que dita a menor capacidade de outras raças que não a nossa e classes sociais mais baixas. Só espero eu que a crença que tenho da anormalidade de tal ideia não seja o meu *currículo oculto*.

O preconceito dos alunos provenientes de famílias monoparentais é que não conhecia, nem nunca me tinha passado pela cabeça. Só após a explicação consegui compreender o porquê do preconceito. A questão do temperamento é do senso comum – óbvio que o facto de sermos animais emocionais nos torna parciais perante a simpatia ou a empatia. O sexo também não me surpreendeu, ou não fosse eu um espécime do género beneficiado/privilegiado.

Contudo, não quero deixar de sublinhar que é a ligação entre as expectativas criadas por um professor relativamente aos alunos e a sua concretização (a tal profecia auto-realizada) que me impulsiona mais para uma reflexão futura.

Relativamente às reflexões expostas no texto sobre as atitudes do professor face a si próprio, também estas não tiveram uma assimilação rápida. O facto de saber que muito provavelmente irei passar por fases em que a minha atenção não estará exclusivamente centrada no aluno também me deixa desconfortável. No entanto só me dá mais motivação para uma evolução rápida e para me esforçar em tornar as preocupações centradas na minha *performance* e nos métodos de controlo e organização da aula passageiras.

Por fim, e para comentar o método proposto pela professora para as aulas de Psicologia Educacional, estou sempre aberto a novas experiências, sobretudo se enriquecedoras. Sobretudo se isso significar o abandono de aulas em que o mestre, e só o mestre tem o dom da palavra, que acabam sempre por se tornarem exposições maçadoras e impróprias para digestão (exceptuando alguns (muito poucos) Mestres que dado o seu dom da arte da exposição, o seu estatuto de *experts* na matéria leccionada e a sua elevada capacidade de captar a atenção duma plateia, tornam quase um crime a interrupção ou a manifestação da opinião por parte da modesta audiência – sim, nesses casos prefiro estar calado).

*Luís Aguilar, nº14676
Ensino da Informática
Universidade da Beira
Interior*